

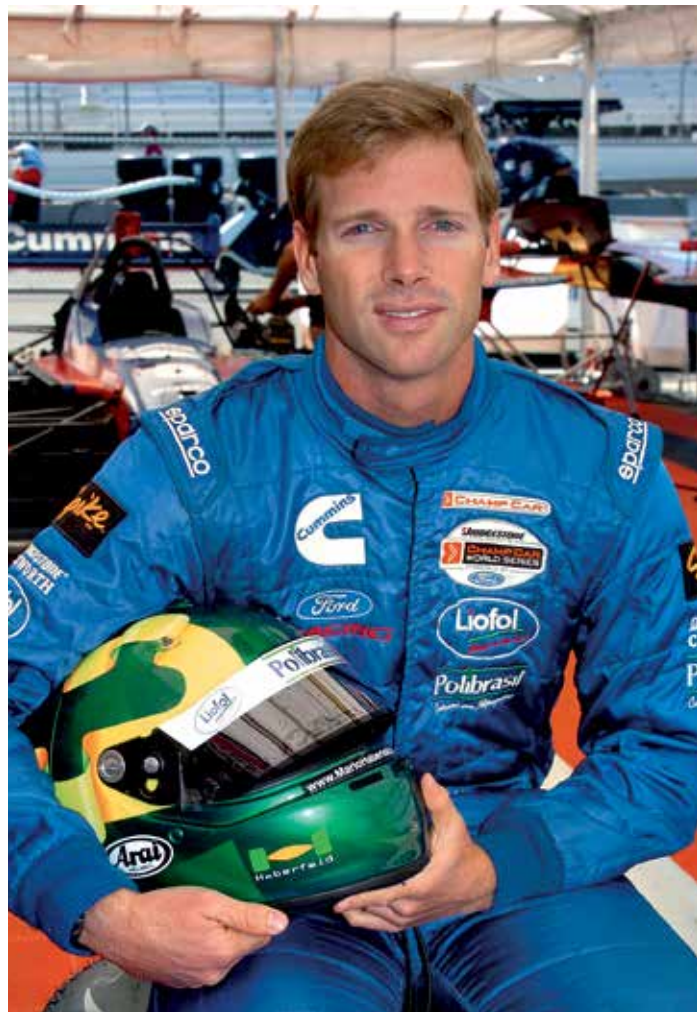
LIÇÕES

As viagens do ex-piloto automobilístico **MARIO HABERFELD** ao continente africano inspiraram a criação da Associação Onçafari, projeto de preservação da biodiversidade no Brasil que possibilita o avistamento de onças-pintadas no Pantanal

POR
Carol Sganzerla

FOTOS
Raquel Espírito Santo

DE ÁFRICA



ACIMA:
Mario, aos 28 anos, como piloto da Fórmula Indy, em Milwaukee, em 2004.

ABAIXO:
Em 1986, ainda criança, no carro de Nelson Piquet, amigo de seu pai, e em 2010 posando perto de um gorila, em Uganda.



A vida de Mario Haberfeld, 47 anos, pode ser dividida em duas partes. Não por acaso, suas duas grandes paixões: o automobilismo e a natureza. Embora possam parecer universos distintos e contraditórios — um tão árido; o outro pulsante —, ambos operam em uma lógica parecida: a corrida contra o tempo. Se nas pistas o perigo é imediato e o então piloto acelerava em busca dos melhores resultados, ajudar a frear a extinção da fauna e da flora brasileiras embute riscos nem sempre claros, mas também urgentes.

Foi no início da adolescência que o garoto que praticava equitação, sonhava em ser veterinário e gostava de assistir a documentários sobre a vida animal se aproximou dos dois mundos que o levariam longe. Mario se lembra até hoje da sensação de passar o aniversário de 13 anos acampado na cratera de Ngorongoro, na Tanzânia, “um dos lugares mais bonitos que existe”, na primeira viagem em família para o continente africano. “Ninguém ia para lá no fim dos anos 1980. Era muito rústico, conhecemos o Parque Nacional do Serengeti em duas semanas, sentados em cadeiras adaptadas em uma caçamba de caminhão. Nada era planejado: o caminhão atolava, parava em qualquer lugar à noite e o guia dizia: ‘Ó, essa aqui é a sua barraca, se vira’. Mas eu adorei”, conta.

Desde então, as viagens para a África se tornaram frequentes, quase anuais, não fosse a rotina imposta pelo automobilismo. Ele não sabe explicar exatamente por que tomou gosto por carros de corrida, a não ser o fato de conviver desde menino com o tricampeão mundial Nelson Piquet, grande amigo de seu pai, o empresário do ramo de embalagens Roberto Haberfeld. Foi aos 13 anos também que Mario, “motorista” de buggy desde os 8, se tornou piloto profissional de kart e passou a ter uma vida regrada de treinos, compromissos e competições. Já em seu ano de estreia, ele ganhou o campeonato paulista.

FOTO ARQUIVO PESSOAL / DAN BOYD / ARQUIVO PESSOAL / SIMON BELLINGHAM

FOTO ARQUIVO PESSOAL / SIMON BELLINGHAM / ARQUIVO PESSOAL



ACIMA:
Mario e o amigo sul-africano Simon, com quem teve a ideia de criar um safári brasileiro para observação das onças; ao lado, Mario cercado de cachorros selvagens no Zimbábue, em 2009.



Aos 17 anos, uma oportunidade o fez ingressar na Fórmula Ford e se mudar para a Inglaterra, vencendo o campeonato inglês em 1995 e, na sequência, o título mundial. “Morei uns sete anos na mesma casa do Rubinho [Barrichello] em Cambridge, ele sempre me ajudou muito nas corridas”, diz. Nos anos seguintes, Mario passou pela Fórmula 3 inglesa, onde fez sua corrida mais marcante e se sagrou campeão, em 1998. “Não tem nada igual à sensação de ganhar uma corrida.” O convite para ser piloto de testes na Fórmula 1 veio pouco depois, e Mario teve passagens pela Stewart, McLaren e Jordan GP. “O automobilismo me ensinou a trabalhar em equipe. Todo mundo o vê como um esporte de uma pessoa só, mas acho que é um dos mais coletivos. Se alguém esquece de apertar um parafuso, o carro pode quebrar ou, no pior cenário, você pode morrer.”

HIPOPÓTAMO SUBMERSO

Nas duas décadas em que correu no asfalto, Mario seguiu explorando a vida selvagem em suas expedições. E a África sempre o chamava. Em uma dessas viagens, já perto dos 30 anos, ele conheceu o guia Simon Bellingham, que viria a se tornar um grande amigo e condutor de todos os seus safáris. “Ele abriu uma agência de viagens e, na teoria dele, era possível ver qualquer mamífero no mundo. Falei: ‘Simon, tem um monte de bichos que quero ver, me leva’. E fomos encontrar urso-panda na China; urso-polar no Canadá; gorila em Uganda; tigre na Índia”, conta.

Certa vez, no Parque Nacional Mana Pools, “o lugar mais selvagem que já conheci”, na divisa da Zâmbia

com o Zimbábue, descendo o rio Zambeze por sete dias em uma canoa, foram surpreendidos por um hipopótamo que se encontrava submerso. “Eu estava na parte de trás da canoa e, quando fui pegar a câmera fotográfica, acabei caindo em cima do hipopótamo. Fiquei igual um personagem de desenho animado, quase andando na água, mas consegui voltar. O hipopótamo é o bicho que mais mata na África, fora o mosquito — e eles são agressivos porque são territorialistas”, explica.

À medida que seguia cruzando os céus, Mario foi se cansando das pistas. Era o ano de 2008. “O automobilismo estava em baixa nos Estados Unidos, achei que era o momento de parar”, conta o ex-piloto, que nessa época morava em Miami com a mulher, Ana Haberfeld, e os filhos, Beto e Mariana, ainda bebês. “Tive o privilégio de ficar com eles nessa fase, era o único pai que levava as crianças na escola. Foi ótimo,



ACIMA:
Ele e a mulher, Ana Haberfeld, em 2003 na Flórida, onde moraram por alguns anos.

LOBO-GUARÁ É A ATRAÇÃO NO CERRADO

O coração batendo acelerado e os olhos que mal piscam com medo de perder a aparição de um grande animal são reações que podem ser vivenciadas em outra base da Onçafari, esta fincada no Cerrado brasileiro e que já frequenta listas de melhores hotéis do Brasil para curtir a natureza: a Pousada Trijunção, fundada em 2018, na divisa de Minas Gerais, Bahia e Goiás e a 388 quilômetros de Brasília (é possível chegar por terra ou voo fretado, saindo da capital federal). A estrela local, porém, não é uma onça, mas sim o lobo-guará, da espécie *Chrysocyon brachyurus*. “Ano passado, eles foram vistos mais de 1.200 vezes”, detalha Mario Haberfeld. A saída para o avistamento desses animais — há seis deles monitorados: Nhorinhá, Savana, “Loba”, Buriti, Pequi e Barú — acontece antes do nascer do sol.

Na volta do passeio, os hóspedes podem seguir mirando a paisagem através das amplas janelas envidraçadas de uma das sete suítes. Na suíte máster, de 90 m², é possível imergir no ofurô antes de escolher em qual das duas varandas descansar. Há ainda avistamentos noturnos para conhecer o jacaré-anão, na Lagoa das Araras, e espécies de mamíferos, como a raposa-do-campo.



AO LADO:
O lobo-guará, a estrela do cerrado, que hoje a Onçafari também protege e cuida.

ficava na praia, levava-os ao aquário. Mas descobri que me aposentar foi a pior coisa que fiz. Acordava sem propósito nenhum”, relembra.

Havia chegado a hora de Haberfeld encontrar uma nova motivação. Nessa busca, chamou o amigo Simon para visitar o Pantanal, região que o próprio Mario mal conhecia — “esse defeito do brasileiro de não conhecer seu país”, justifica. Chegando na planície mais alagada do mundo, o guia sul-africano não tirava os olhos das capivaras. “Imagina se desse para ver onça aqui?”, indagou. E lançou: “Não é possível que dê para ver tigre na Índia, leão na África, e não dê para ver onça aqui. Precisamos dar um jeito”. As palavras de Simon semearam em Mario a vontade de fazer.

BICHO SOLTO

Tanto Mario quanto Simon sabiam que “protegendo a onça estariam protegendo a floresta inteira”. E que o animal seria um chamariz. “Ninguém vai para a África ver zebra, todos querem ver o leão. E, aqui, querem ver a onça”, diz Mario. Os dois passaram um mês no Refúgio Ecológico Caiman, de propriedade do empresário e ativista ambiental Roberto Klabin, um amigo antigo e dono de uma área de 53 mil hectares no Pantanal. “Eu disse a ele: ‘Aqui é o lugar mais seguro para começar, você já o preserva há mais de 30 anos’. Ele falou: ‘Vejo onça duas ou três vezes por ano. Mas, se quer tentar, vai em frente’. Não sei se ele acreditou que funcionaria, mas deu todo o apoio”, lembra Mario.

“O propósito da Onçafari é mostrar o caminho valorizando os animais com o safári, e criando empregos com o ecoturismo.”

MARIO HABERFELD SOBRE A PROPOSTA DO PROJETO

A ideia era replicar no Brasil o modelo da reserva de Sabi Sands, na África do Sul, uma região formada na década de 1930 com a fusão de algumas fazendas. Assim como nas savanas africanas os leões ameaçavam o gado, no Pantanal as onças-pintadas eram vistas como inimigas dos fazendeiros. Haberfeld queria inverter essa lógica e mostrar que o bicho vivo valia muito mais do que morto, da mesma forma que aconteceu em Sabi Sands.

Mario e Simon, junto a uma equipe de biólogos, passaram mais de um ano habituando onças à presença de veículos com o uso de colares com GPS, câmeras com sensores de movimento e uma dose extra de paciência.

O objetivo nunca foi domesticá-las, e sim fazer com que se deixassem ser observadas, para tornar o ecoturismo possível. Além de ambientação, promoveram a reinserção de filhotes na vida selvagem. Dois deles, “que haviam perdido a mãe em um incidente”, foram isolados em uma área da Fazenda Caiman e passaram a ser alimentados com presas vivas sem ter contato com ninguém. “Soltamos essas duas primeiras, a Isa e a Fera, faz uns oito anos. E vemos as duas uma vez por semana. Elas tiveram filhotes, netos. Cientificamente, para dizer que o projeto de reintrodução deu certo, elas precisam deixar descendentes férteis. E aconteceu.”

Lili Rampin, bióloga coordenadora de campo da Caiman, conta que, quando Mario a convidou para o projeto, dez anos atrás, ela não acreditou que funcionaria. “Eu nunca tinha ouvido falar em habituação de onça, o animal livre, perto de veículo... Sem nem ter intimidade, falei: ‘Eu truco. Duvido dar certo. Você acha que o bicho vai ficar olhando pra minha cara?’” Haberfeld insistiu que ela fosse conhecer de perto o trabalho, que estava em curso havia um ano. “Quando cheguei, já tinha uma onça relativamente habituada, e a vi a 30 metros de mim. Falei: ‘Isso aqui é de verdade’. Foi um trabalho de formiguinha, comecei com mais quatro pessoas na



FOTO MARIO HABERFELD / ARQUIVO PESSOAL

DIREITA:
Mario com onça-pintada no Pantanal, em 2016.

ABAIXO:
na frente da Land Rover de Safari, na Caiman, 2014.



equipe, ainda nem existia o GPS, usávamos sinal de rádio. Trocávamos o dia pela noite. Vicieei em pirulito para não dormir no volante e bater o carro”, relembra. “Mudou da água pro vinho. A funcionária mais antiga da Caiman conta que não se via a onça, o bicho sempre foi escorçado, tido como praga.”

No início do projeto, a recepção dos locais à ideia foi pouco calorosa. “Quando chegou um cara da África e outro de São Paulo querendo ajudar as onças, que eram inimigas da fonte de renda deles, estranharam, claro. Hoje, existe harmonia. A Caiman tem criação de gado e os peões nos avisam quando veem uma onça. Acho que devagar essa mentalidade tem mudado. As pessoas veem as onças com outros olhos hoje. Elas começaram a entender que a onça vale muito mais viva do que morta”, diz Mario.

Ele traz a história de um antigo funcionário para explicar as mudanças de comportamento que testemunhou: “Um cara que trabalhava com a gente caçava onça com o pai na adolescência. Daí, ele virou peão de gado, e ganhava um salário mínimo. Depois, fez treinamento para ser guia e hoje ganha muito mais. E a mulher, o filho, a filha, todos têm emprego no hotel, então a renda da família aumentou em 30 vezes. Eu brinco que, se você falar para ele que vai caçar uma onça, ele vai caçar você”.

Desde 2011, quando nasceu, a Associação Onçafari, em parceria com o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros (CENAP) e o Instituto

Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICM-Bio), já identificou mais de 230 onças, e a estimativa é de que haja cerca de 60 na Fazenda Caiman — metade delas habituadas. Ano passado, foi a primeira vez que 100% dos hóspedes passaram a avistar onças. “Desde a implementação do programa, aumentou quase 600% a ocupação do hotel, promovendo a geração de empregos. Quando o projeto começou a produzir efeitos e mais e mais pessoas avistavam as onças é que realmente entendi a dimensão do trabalho”, diz Roberto Klabin. “Graças à Onçafari, a Caiman recebe cada vez um número cada vez maior de visitantes, o que demonstra que a parceria de empreendimentos turísticos com projetos de refaunação e restauração ambiental faz todo o sentido.”

Mario completa: “O propósito da Onçafari é tentar mostrar o caminho, com o ecoturismo, o safári, valorizando os animais e criando empregos. Provamos que funciona e pode ser uma ferramenta muito boa de conservação”. O projeto hoje está inserido em dez bases, incluindo a Pousada Trijunção (leia box), na divisa de Bahia, Minas Gerais e Goiás, onde o lobo-guará é o principal atrativo. Na Amazônia, a Pousada Thaimaçu, no sul do Pará, faz o trabalho de reintrodução de onças-pintadas desde 2019. No hotel Anavilhanas Jungle Lodge, às margens do rio Negro, desenvolve o monitoramento da fauna, mas ambas sem atividades de visitação por meio do Onçafari.

PROJETO MODELO
Quando se fala em conservação, Mario defende que,
quanto mais gente se inspirar no modelo de sua ini-

ciativa, mais benefício ela gerará. “A Onçafari tem essa visão diferente de estimular a conservação em geral. Quanto mais gente fizer, melhor. Se você me perguntar hoje qual é um dos maiores problemas da conservação, eu diria que ainda é o ego. O cara quer aparecer mais que o bicho. E está errado”, enfatiza.

A Associação atualmente conta com o apoio e a parceria de 20 marcas. “Não só os empresários estão cada vez mais conscientes, mas as próprias empresas. Muitas levam a sério o ESG (sigla usada para agrupar as iniciativas nos campos ambiental, social e de governança). Talvez 30 anos atrás fosse impossível fazer o que estou fazendo, ninguém ia querer ajudar”, acredita Habermfeld. “Hoje, tem muita gente querendo participar. Todo recurso que conseguimos vai para a conservação.”

O Onçafari também é responsável por administrar uma área de mais de 430 mil hectares, proveniente da união de fazendeiros e empresários que criaram o grupo Aliança 5P — de Pantanal, preservação, parceria, pecuária e produtividade. “Em três anos, criamos um dos maiores corredores ecológicos do mundo em terras privadas. Lá, ninguém vai caçar onça, todos aceitam projeto de pesquisa e vamos começar o ecoturismo. Uma das estratégias hoje é essa, adquirir cada vez mais terras para proteger uma área ainda maior.”

Olhando pelo retrovisor, Mario Habermfeld sente que correu tudo o que correu só para chegar até aqui. Ofereça a ele dirigir uma Ferrari em Mônaco ou ir para o Pantanal, e não há dúvida. “É para a natureza que eu vou”. O



AO LADO:
Equipe da Onçafari
observa onça no
Pantanal.

FOTO BRUNO SARTORI

FOTOS RAQUEL ESPIRITO SANTO / ASSISTENTES ETHEL BRAGA E ALINE LINS / TRATAMENTO DE IMAGENS MARCOS OKUBO / STYLING MELISSA BALTAZAR / BELEZA VANESSA BARONE / AGRADECIMENTOS GALLERIA42 @TAVOLA42 / MARIO VESTE: CAMISETA @FILADELFIO / CALÇA @THENORTHFACE / TENIS E MEIA @NIKE

